

**Resumo**

Luis Ramiro Beltrán foi escolhido como representante do grupo dos pioneiros da Escola Latino-Americana de Comunicação, não apenas pela sua estatura intelectual como “pai das políticas nacionais de comunicação” mas, sobretudo pela sua dimensão humana, traduzida por uma postura ética como cientista e cidadão, servindo como referencial para as novas gerações de comunicadores e comunicólogos.

**Palavras-chaves:** Escola Latino-Americana de Comunicação, América Latina, comunicação

**Resumen**

Luis Ramiro Beltrán fue seleccionado como el representante de los pioneros de la Escuela Latinoamericana de Comunicación, no solamente por su estatura intelectual como “padre” de las políticas nacionales de comunicación, pero en consecuencia de su dimensión humana, traducida por una postura ética como cientista y ciudadano, sirviendo como referencia a las nuevas generaciones de comunicadores y comunicólogos.

**Palabras-claves:** Escuela Latinoamericana de Comunicación, Latinoamérica, comunicación

**Abstract**

Luis Ramiro Beltrán was chosen a pioneers of Latin-american School of Communication, by their intellectual status like a father of “national communication’s politics”, his human dimension, ethical posture like a scientist and citizen, serving by referential to the new generation of communicators.

**Keywords:** Latin-American School of Communication, Latin America, communication

---

\* Conselheiro regional em Comunicação e Professor da Universidade John Hopkins, na Bolívia, membro da geração de pioneiros da Escola Latino-Americana de Comunicação – ELACOM.

\*\* Coordenadora de publicação e documentação da Cátedra Unesco/Umesp e Professora da Universidade Metodista de São Paulo, Brasil.

**M. Cristina Gobbi:** *Qual a principal característica da Escola Latino-americana de Comunicação?*

**L. Ramiro Beltrán:** A criticidade e a visão política, não no sentido partidário, mas no sentido real. As pessoas que compartilham esse pensamento se diferenciam dos investigadores tradicionais das Ciências Sociais na Europa e nos Estados Unidos por duas características principais: vêem o fenômeno da comunicação no contexto da sociedade completa, na macro visão da sociedade com todos seus aparatos políticos e econômicos. E nas Ciências Sociais não existem, por exemplo, trabalhos isolados como os realizados por antropólogos, ou como certos fatores para os sociólogos e para os psicólogos, que em laboratórios manipulam algumas variáveis. O comunicador latino-americano desta escola não nega a existência da sociedade que o rodeia, cheia de problemas, tragédias, injustiças e misérias. É dentro deste conceito que funciona a comunicação e, portanto a ciência. É uma visão científica alternativa que não aceita um critério tradicional como verdade absoluta, ou seja, não compactua com a tese que os jornalistas devam ser imparciais e os cientistas objetivos.

A ciência clássica norte-americana e européia pensa que a informação deve ser completamente pura, não deve ser politizada, não deve ser ideologizada. Isso não existe. Alguns estudiosos norte-americanos como Everett Rogers, Brenda Dervin, David Berlo, Hebert Muller, entre outros, acreditam que não é assim, que isso é uma ficção. Deve existir subjetividade, precisamos trabalhar com a realidade que conhecemos. No artigo *La investigación em comunicación en Latinoamérica: ¿indagación com anteojeras?* do livro editado na Bolívia, tem um trabalho que apresentei em Leipzig, onde falo de investigação com *anteojeras*. A América Latina descobre os olhos, tira o tapa-olhos, tem a visão do que vai investigar. Não existe ciência pura e isso é outra coisa importante, é a visão das ciências clássicas não individualistas, mas que tratam do estudo sobre o desenvolvimento do indivíduo no seu meio. Como é possível culpar um camponês latino-americano típico que tem um pequeno pedaço de terra, muitos filhos para criar etc, de que ele não é desenvolvido, audaz... A estrutura da sociedade não lhe permite ser outra coisa. Nós simplesmente dizemos que não é justo, nem lógico, nem realista investigar desconhecendo os fatores que estão à volta. Não é que queremos destruir a ciência, ignorar sua lógica, mas desejamos investigar a partir da realidade que se apresenta.

**M. Cristina Gobbi:** *O senhor acredita que hoje a Escola Latino-americana de Comunicação é uma corrente de pensamento internacionalmente reconhecida? De que maneira?*

**L. Ramiro Beltrán:** Sim, segue viva e funcionando. Em grande parte graças ao esforço incansável do Dr. Marques de Melo, que vem recorrendo e incorporando todo um sistema de cátedras acadêmicas de nível superior, preocupadas com a informação. Graças também a jovens como você, inspirados pelo professor Marques de Melo que estão resgatando o que foi a tradição original da Escola e isto é o que permite fazê-la viva hoje, isso é um dado importante. O outro é um paradoxo. A Escola Latino-americana de Comunicação é reconhecida nos Estados Unidos e na Europa quando se aceita inclusive, sua influência no próprio Estados Unidos. E isto pode ser verificado em vários artigos como, por exemplo, de Brenda Dervin, publicado nos Livros do Brasil (Marques de Melo, José & Brittes, Juçara. *A trajetória comunicacional de Luis Ramiro Beltrán*. São Bernardo do Campo: Umesp, 1997) e na publicação editada na Bolívia (Beltran, Luis Ramiro. *Investigación sobre comunicación em Latinoamérica*. La Paz: Plural, 2000). Existem ainda artigos de Everett Rogers e de vários autores europeus, espanhóis, suecos, entre outros, que nas duas publicações destacam a importância da Escola. O material foi escrito nos últimos dois ou três anos e isso prova o reconhecimento internacional da Escola Latino-americana de Comunicação. Quero dizer também que os conceitos da Escola não estão ainda em sua plenitude como eu gostaria, há muito por fazer.

**M. Cristina Gobbi:** *Em seu livro Investigación sobre comunicaci3n em Latinoam3rica o senhor fala de uma Escola Crítica Latino-americana de Comunica3o. O que criticam?*

**L. Ramiro Beltrán:** Criticamos principalmente a cegueira ante a realidade social.

**M. Cristina Gobbi:** *Muitos dos produtores de conhecimentos na Am3rica Latina n3o cr3em em uma Escola Latino-americana de Comunica3o, ou mesmo em uma corrente de pensamento produzida na Am3rica Latina e para a Am3rica Latina que possa nortear os estudos de muitos desses investigadores. Eles n3o querem ser referenciados como pertencentes a esta corrente de pensamento, mas produzem investiga3oes na ou sobre a Am3rica Latina. Falam de problemas latino-americanos, mas fazem refer3ncias as teorias europ3ias e*

*norte-americanas como forma de validar seus estudos. O senhor crê que hoje já desenvolvemos uma teoria capaz de fundamentar os estudos na América Latina e para a América Latina e que poderíamos chamar de teoria latino-americana de comunicação? E qual seria sua linha mestra?*

**L. Ramiro Beltrán:** Eu creio que a Escola crítica Latino-americana de Comunicação deu um embasamento conceitual bastante forte e substancial, pelo menos entre os anos 70 e 80, com o envolvimento de muitas pessoas. Talvez falte uma articulação, não equivalente a uma teoria científica global integrada, e sim a uma corrente de pensamento, também bastante forte em sua teoria. As novas gerações podem aspirar no sentido de construir uma teoria geral mais sólida. Existiram muitas teorias consolidadas por diversos pesquisadores, com distintas percepções. Algumas fundamentadas nos conceitos marxistas como, por exemplo, Armand Mattelart. Havia também “variações” de correntes de pensamentos marxistas, por exemplo, os pensadores que combinavam esses conceitos com a semiologia de forma mais geral, existiram também os sociais-cristãos, sociais-democratas, liberais, havia de tudo um pouco. Não se tratou de uma corrente conspiratória, em que todos pensavam de maneira igual. Tratou-se na verdade de um movimento envolvendo diversas pessoas, que estavam nos mais diferentes lugares, em toda a América Latina. Eram pessoas trabalhando, pensando na justiça social durante muito tempo e que nos anos 70, diante do desenvolvimento que se descortinava, frente à teoria da dependência e de fatores que tratavam do crescimento, da política, e ante a emergência de governos radicalmente inclinados a mudar esse panorama, principalmente entre os anos 60 e 70, fizeram grandes ações em busca do apoio popular. Houve, porém, grandes variações desses movimentos em toda América Latina (peronismo na Argentina, social-democratas-cristãos no Chile etc). Havia grande efervescência para mudança de todo esse panorama social e nesse epicentro surgiu a visão política da comunicação. Foi assim que passou a existir um instrumento pela conservação de nossos veículos comunicacionais, porém convertido em uma ferramenta de observação. Essa era à base do pensamento. Agora se alguns dos colegas dizem que isso pode não ser uma teoria completa, eu diria que não se tratou de uma pessoa que se sentou no topo de uma montanha e sozinho desenvolveu uma teoria. Foram muitos e esses nem se conheciam. Eu particularmente conheci Mattelart uns seis ou sete anos depois e Paulo Freire só em 1975. Não se tratou de um evento, uma coisa organizada, foi na verdade uma comunhão de idéias, uma corrente.

Essa corrente seguiu em frente. Posso citar Jesús Martín-Barbero como o continuador de todas estas idéias, porém com variações substantivas, com outra faceta. Atualmente, existem diferentes enfoques para essa corrente. Esse movimento também não foi total quando o propusemos, as escolas não deixaram de investigar de uma maneira e passaram a investigar de outra. Nada podia obrigar a isso. Foi uma influência acadêmica que foi recebida por uns, ignoradas por alguns e rechaçadas por outros, isso foi uma parte. Novas correntes de pensamentos européias e norte-americanas têm vindo e essa gente nova parece estar mais na moda, preferem o pensamento novo, assim, podem do velho inventar outra coisa. Porém, você me disse que alguns colegas latino-americanos que investigam não querem ser indicados como parte dessa escola crítica, será porque não têm críticas da sociedade? Estão contentes com a injustiça, ou seja, porque o mercantilismo globalizante faz com que tenham inquietudes completamente diferentes daquelas que nós consideramos e que não superamos porque o que denunciávamos nos anos 70 não está igual hoje, está pior. A injustiça é muito maior, a dominação é mais violenta. Tudo que denunciávamos, sonhando com a mudança não ocorreu. As novas gerações têm que lutar muito mais para mudar aquilo que nós denunciávamos. Porém, como disse Marques de Melo no prólogo do meu livro editado na Bolívia, é lamentável que atualmente as escolas não ensinam, não falam, não mostram livros, não conhecem as pessoas, isso é um outro modo de ver. Marques diz que lamenta que em toda América Latina, em várias escolas se encontra alienação, desentendimentos e desconhecimentos da própria realidade, então desdenham do que existe, por isso é necessário esse esforço de recuperação.

**M. Cristina Gobbi:** *Quais foram as correntes teóricas que mais influenciaram o início de seu trabalho?*

**L. Ramiro Beltrán:** Eu não tenho uma indicação muito clara. Eu atribuo uma boa parte a teoria da dependência, do qual o presidente do Brasil foi um dos líderes, a Paulo Freire e alguma coisa da Escola de Frankfurt, da qual não fui tão firme como Antonio Pasquali e outros colegas; seria uma mescla. Porém, eu devo dizer que não fui muito consciente dessas influências. Quando iniciei estava nos Estados Unidos. Na verdade, desenvolvi diversas atividades, durante muitos anos, sem nenhuma visão crítica. Trabalhei em comunicação para o desenvolvimento rural por toda a América Latina, como um artista da comunicação, como um produtor de mensagens, de

conhecimentos, eu não tinha nenhuma graduação. Posteriormente, ganhei uma bolsa para estudar em Michigan por cinco anos. Uma escola maravilhosa, com mestres extraordinários, com uma liberdade imensa para pesquisar. Aí me ocorreu que eu tinha uma literatura abundante, nunca em minha vida havia estado em uma universidade, eu não sou de carreira docente, sempre trabalhei em outras coisas como: produção e capacitação curta. Assim quando fui para os Estados Unidos, tinha muitas inquietudes. Havia tamanha abertura para a investigação e farto material em inglês (quase nada se encontrava da América Latina) que foi possível descobrir a tragédia do chamado desenvolvimento, aliada a dominação e a dependência pela qual passava a América Latina e isso ocorreu lá nos Estados Unidos. Eu me encontrei com a América Latina nos Estados Unidos, graças a duas coisas: informação e tempo disponível para a pesquisa e a liberdade acadêmica de meu orientador. Então durante o dia eu cursava o “máster em comunicação” e a noite “o máster em revolução”, diante do farto material que havia para ser investigado. Por essa época eu não tinha nenhuma doutrina, formação política ou qualquer outra coisa. Busquei o que servia para minhas análises. No capítulo primeiro de minha tese de doutorado nos Estados Unidos, eu falo da dominação da América Latina pelos Estados Unidos em matéria de comunicação, com isso dá para perceber a enorme abertura que meu orientador, Dr. Berlo permitia em nossos estudos. Ele nunca me criticou ou proibiu. Na verdade, ele se surpreendeu com o resultado de minha pesquisa, pois não sabia que era assim. Ele apenas exigiu o rigor científico na informação. Eu venho dessa concepção, não tinha uma formação ideológica, uma produção científica. Por exemplo, eu não li o livro de Pasquali nos Estados Unidos, pois desconhecía a edição do material. O que se produz em América Latina circula muito lentamente é muito difícil de se conseguir. Eu, particularmente, naquela época, não sabia quem era Pasquali. Organizei em 1974 a primeira reunião de políticas de comunicação, em Paris, e escrevi aos amigos para que me dessem sugestões para os convites aos especialistas. Foi aí que soube que havia um pesquisador que tinha saído da Argentina e estava na Venezuela e que se chamava Pasquali, essa na verdade foi a primeira vez que ouvi falar dele. Após convidá-lo a participar da reunião, o conheci. Pasquali já era um pesquisador com sete anos de tradição, desenvolvendo seus trabalhos no primeiro instituto de investigação na América Latina. Para mim Eliseo Verón e Pasquali são os precursores de todos esses estudos. Foi no ano de 1963 o primeiro livro de Pasquali. Também não podemos esquecer de Paulo Freire.

Pasquali pertencia a Escola de Frankfurt, Verón um marxista reformado, diferente, e Paulo Freire, a princípio, não tinha uma visão muito marxista, e no final um pouco mais do catolicismo-marxista. Essas foram algumas influências que recebi, porém como não podia separar comunicação de desenvolvimento, então tenho a teoria da dependência e a teologia da libertação como idéias mestras. Talvez até haja outras.

**M. Cristina Gobbi:** *Como o senhor avalia hoje a situação da política nacional de comunicação na América Latina?*

**L. Ramiro Beltrán:** Essa é uma análise um pouco extensa. No trabalho realizado por Germano Azambuja e publicado na *Revista do Pensamento Comunicacional Latino-Americano – PCLA–*, editada pelo Dr. José Marques e por você, está uma análise mais profunda. De forma sucinta eu diria que na América Latina o movimento foi muito forte, mais forte que em diversas regiões do mundo. Nos movimentos da reunião de especialistas iniciados em 1974 e chegando até 1976, se esquematizou um planejamento que pode ser chamado de um “credo” da comunicação democrática, onde há 16 recomendações. Foi a posição de muitos especialistas e entidades. E digo que Costa Rica é o país mais democrático da América Latina, por ter aceitado o encontro em épocas tão difíceis. O que aconteceu entre a declaração proposta e a realidade na América Latina teve uma grande diferença. Uma coisa é a aspiração e outra é a boa vontade política e recursos suficientes. Desafortunadamente o que ocorreu foi que capitalizaram as investigações em diversos países, sobretudo na Venezuela e sancionaram politicamente uma reunião de alto nível. Queriam uma autorização do governo. Em nenhum país se avançou muito. Todos sofreram pressões violentas dos grupos nacionais e estrangeiros, além dos proprietários dos meios de comunicação (rádio, jornais, publicidade). Este foi o caso da própria Venezuela que liderou o movimento. Lá o então ministro da informação, que estava na reunião de Costa Rica, quando voltou a seu país, em plena época eleitoral, baixou um decreto para estabelecer um conceito geral e pluralista no que tangia as políticas de Comunicação. A pressão departamental foi intensa. No México, eu diria que valeria a pena estudar a fundo o exercício mexicano. Essas ações e pressões aconteceram em diversos países. Atualmente acredito que necessitaríamos mais do que nunca de políticas globais de comunicação para a América Latina, pois a desordem tem sido frequente. As diferenças sociais se fazem presentes. Um exemplo é

a própria internet, que somente em cada mil pessoas na América Latina, 4 têm o privilégio desse meio. O que não foi viável antes será possível hoje? É um pouco mais difícil, pois a globalização e o neoliberalismo são tais que nada que seja novo tem uma regra aceita. Às vezes há uma diversidade total que é sinônimo de uma impunidade total. É muito complicado, mas não impossível ter uma política nacional de comunicação para a América Latina.

**M. Cristina Gobbi:** *Em alguma parte de seu livro, o senhor fala que a década de 1960 foi um período de grande atividade, com aproximadamente mil estudos no campo da comunicação. Viramos o século. Mais de 40 anos se passaram. Como o senhor avalia hoje o conhecimento sobre comunicação produzido na América Latina?*

**L. Ramiro Beltrán:** É difícil responder de imediato. Eu não continuei a seguir estes levantamentos. Fiz o primeiro inventário no ano de 1974, em Leipzig. Na verdade foi uma loucura pessoal, porque não havia onde pedir informação e somente duas pessoas trabalhavam comigo e eu queria organizar toda a história da comunicação. Como disse anteriormente nunca havia trabalhado em um ambiente acadêmico e isso requeria um grande esforço. Ademais eu continuava exercendo outras atividades. Creio que hoje temos pessoas que melhor poderiam responder esta pergunta. O próprio professor Marques de Melo e algumas fontes do México. Creio que entre México e Brasil deve haver pelo menos uns 10 ou 12 livros que tratam desses levantamentos. Também nesta publicação da Bolívia, no artigo *La investigación en comunicación en Latinoamérica*, contém algumas fontes e pode dar uma primeira pista. Eu creio que deve haver muitas coisas úteis nos novos enfoques e na quantidade de informações que coletamos em aproximadamente 220 escolas de comunicação que temos. Teríamos que compartilhar mais, por exemplo, não creio que a maior parte dos sócios da FELAFACS conhece a situação das investigações na América Latina. Então teremos que fazer um esforço para que todos conheçam as novas tendências. A ciência não é política, política é a guerra. A ciência oferece a paz de espírito para que possamos compartilhar todos os nossos conhecimentos, quer concordem ou não.

**M. Cristina Gobbi:** *Em um de seus livros José Marques de Melo fala da inquietude de uma nova juventude fascinada pelo universo midiático. Para ele os jovens se sentem desorientados e perplexos frente às teorias que seus*

*professores importam de antigos centros metropolitanos, que muitas vezes são incapazes de dar conta dos problemas cotidianos, referidos globalmente, porém vividos localmente. Qual é sua opinião a respeito disso?*

**L. Ramiro Beltrán:** Eu creio que José Marques tem razão. As universidades trabalham de forma muito precária, não têm programas de investigação, não têm boas bibliotecas. Na Bolívia é muito mais fácil saber o que vem de fora, do que conhecer uma informação nacional. A Bolívia é precursora na comunicação alternativa, tanto na teoria como na prática. A comunicação popular começou em fins dos anos de 1940 (1948 aproximadamente), com dois exercícios. As rádios católicas para os camponeses e as rádios dos trabalhadores mineiros (rádios comunitárias). Esse foi o primeiro exercício de comunicação alternativa. Na Bolívia, existe uma grande quantidade de emissoras católicas de comunicação. São 25 rádios por todo país, que trabalham em 4 idiomas, por 24 horas dia. Para nossos estudantes é necessário conhecer essa nossa realidade. Na maioria dos casos, na América Latina, os catedráticos não investigam, não fazem teses, pois não são pagos para isso. As universidades não têm programas próprios, salvo em algumas poucas situações, não desenvolvem investigação em longo prazo.

**M. Cristina Gobbi:** *Muitos teóricos, dentre os quais podemos citar Raul Fuentes Navarro, falam que existe hoje diferentes posições intelectuais, ideológicas e geográficas nos estudos da comunicação na América Latina. Há uma multiplicidade de propostas de reformulação teórica e prática desses estudos, e que isto se manifesta em uma insatisfação generalizada com a situação atual do campo. Por essa razão torna-se urgente repensar seus fundamentos e reorientar seu exercício. O que o senhor acha disso?*

**L. Ramiro Beltrán:** Para mim é muito justa e real a tese desse meu amigo. A mote dele é essa insatisfação e creio que em parte se deve a multiplicidade de alternativas, muitas maneiras de ver, muitas propostas. Porém, não se tem uma coerência de estudos, e nada se pode fazer sozinho. O Professor Marques de Melo está fazendo um grande trabalho no sentido de resgatar esta corrente, com a ajuda de todos vocês e isto, seguramente, é uma bela e grande tarefa. Temos diferentes núcleos na região, como a FELAFACS e a ALAIC. Uma aliança da ALAIC com a FELAFACS poderia produzir esforços para a pesquisa em geral, ao ponto que se pode aspirar a formular teorias mais amplas. Poderíamos pensar em alguns países como México, Brasil e Colômbia. Três ou quatro países se dedicando a certas áreas da comunicação,

com a ajuda de professores, estudantes, pesquisadores etc. Assim seria possível pensar em uma teoria, aliás, uma teoria só nasce quando se é capaz de inter-relacionar. Talvez não estejamos fazendo isso, estamos fragmentando, desenvolvendo muita coisa solta, particular. Não estou dizendo que todos fazem dessa forma, mas existe muita coisa para ser investigada. Por exemplo, com referência as novas tecnologias da comunicação, porque um grupo de universidades que estão mais avançadas não faz uma aliança para formar e desenvolver uma teoria geral sobre isso. Talvez uma grande teoria geral de toda a comunicação humana na América Latina. Estamos longe de conseguir? Talvez não. Poderíamos começar por áreas maiores. Em um empenho cooperativo de núcleos acadêmicos que farão um esforço de 5 a 6 anos para desenvolver uma plataforma, que posteriormente será discutida em um congresso. Os congressos mesmos tomam temas conjunturais, uma coisa é comunicação para paz, comunicação para a cidadania, comunicação para o desenvolvimento. Isso atende a necessidade de variedade e inquietude dos pesquisadores. Porém nos congressos também deveria haver um esforço concentrado de algumas carreiras. Grupos pequenos que trabalhem juntos e construam algumas teorias, talvez uns 10 ou 20 pesquisadores. Infelizmente, não dá para prender estes especialistas em uma ilha ou castelo. Porém não é impossível fazer essas reuniões de especialistas. Há na América Latina uma grande densidade de informações. Nenhuma outra região no mundo tem uma ALAIC ou uma FELAFACS. Então creio que essas entidades deveriam fazer um esforço em torno do desenvolvimento de teorias gerais da Comunicação.

**M. Cristina Gobbi:** *Quais são suas perspectivas para o enriquecimento dos estudos comunicacionais, não somente na América Latina, mas nas inter-relações com os países da Europa e América do Norte?*

**L. Ramiro Beltrán:** Se você fala em fazer uma ponte entre Europa e Estados Unidos eu creio que essa ponte quase existe de fato, porque sua capacidade de produção, informação, investigação, de produção de teses e livros são tão grandes. Talvez vocês não notem no Brasil, pois têm uma produção igualmente muito grande. Porém, no resto da América Latina não é assim. Quase tudo chega da Europa e dos Estados Unidos e do Brasil não chega. Ou seja, da América Latina não sabemos sobre a América Latina. Do México um pouco mais. Talvez pelo idioma. Na Bolívia temos muita gente estudando fora. Creio que o maior problema é quando um único pesquisador

produz durante um certo tempo, um número de artigos e nada mais. Neste caso não está institucionalizada a pesquisa e isto é o problema. É um trabalho solitário. Algumas universidades não investigam nada (exceção ao Brasil e México), somente aprovam as teses que são propostas. Por exemplo, se os pesquisadores da ALAIC investigassem os trabalhos apresentados na FELAFACS eu creio que perceberiam que a grande maioria não tem nenhuma investigação. Se fizerem um estudo comparativo das matérias sobre literatura básica eu creio que não teríamos grandes surpresas. Não há nada que seja coordenado ou comunitário de fato, não há concentração. Não está institucionalizada a pesquisa.

Em meu país há 15 escolas de comunicação, com aproximadamente 8 anos de existência. Não podemos esquecer que temos perto 8 milhões de habitantes. Há universidades que não têm professores, não têm literatura, não fazem pesquisa, não participam de entidades de pesquisa. Muita gente pensa que a entrada na comunicação é a entrada na televisão, no rádio, enfim dos meios de comunicação.

**M. Cristina Gobbi:** *Além dos estudos das políticas nacionais de comunicação, soube que o senhor é um poeta.*

**L. Ramiro Beltrán:** Sim, sim de vez em quando. Tenho um poemário. Publiquei um livrinho.

**M. Cristina Gobbi:** *Atualmente muitas coisas estão mudando no panorama político brasileiro. O nosso Congresso Nacional está estudando uma alteração na Constituição Federal, no sentido de permitir uma participação de grupos estrangeiros nas empresas de comunicação, girando em torno de 30% ou até 49% de participação. Também estão fazendo um grande número de processos de privatização. Qual sua opinião a respeito disso? Como essa abertura poderá influenciar no conteúdo de nossa produção cultural?*

**L. Ramiro Beltrán:** Isso é uma política parcial. Em toda a América Latina está ocorrendo isso com referência ao processo de privatização. É consequência da globalização. Eu creio que principalmente os meios audiovisuais têm usado isso. Talvez por uma questão de custo. A despesa para produzir localmente é muito maior do que comprar alguma produção de fora. Hoje mais do que nunca, a avalanche de informações vem por todas as vias (agências noticiosas, a internet). Não creio que possa haver políticas que proíbam. Por isso falei em políticas parciais, pois existe uma porcentagem

de produção interna de material. Porém, algumas vezes, não se pode atender toda a disponibilidade, porque é muito caro produzir no mercado interno. Ou seja, a lei existe, mas não a aplicam. Uma boa maneira de contrapor isso seria dar estímulos para a produção nacional. Não adianta tapar o sol com um dedo. É importante também gerar uma universidade com capacidade crítica de ver os meios e assim poder transmitir. As crianças hoje em dia, sabem muito pouco a respeito de seus países. Precisamos mudar essa mentalidade. Criar uma cultura para a valorização do que se produz no próprio país e dar muitos estímulos ao material produzido no mercado interno.

**M. Cristina Gobbi:** *Como o senhor avalia as dimensões tecnológicas, políticas e econômicas nesse processo de informatização e de comunicação em um mundo tão globalizado, mas com realidades estruturais tão diferentes?*

**L. Ramiro Beltrán:** A primeira é uma questão de acesso. Essas tecnologias estão evoluindo de forma barata. Na América Latina, em cada 1.000, 4 têm internet. Temos que aproveitar para toda a sociedade essas maravilhas das tecnologias. Devemos converter o que é privilégio de poucos para um acesso de muitos. Um acesso orientado, que lhes permitam utilizar os recursos com alguma sabedoria.

**M. Cristina Gobbi:** *A comunicação é somente mais um campo de estudos para várias disciplinas, especialmente nas áreas de ciências humanas, ou é uma ciência em gestação? Qual é sua opinião?*

**L. Ramiro Beltrán:** Isso é uma velha discussão. Há uma comunicologia ou não há. Se existe como ciência independente própria ou se é simplesmente uma área de estudo. Eu creio que a discussão continua. É certo que a comunicação é o processo central da existência social. Muitas vezes quando estudamos a comunicação, estamos estudando a parte psicológica, sociológica ou econômica. Da mesma maneira, as outras disciplinas têm sempre um fator de comunicação. Eu creio que seja natural esse intercâmbio. Há pelo menos 40 anos nasceu nos refugiados pelo nazismo, que viviam nos Estados Unidos, a vocação de fazer a comunicação na ciência. Cada vez mais se tem consciência que o poder da comunicação é crucial para a vida em sociedade. Na ciência temos que ter um certo rigor, certas leis e parâmetros. E nós temos isso. Embora acredito que a comunicologia seja uma ciência social menina em comparação com as outras. Porém, devemos

considerar que a comunicação não tem raízes próprias. Nossas raízes estão na lingüística, na sociologia, na antropologia e na psicologia social. Entretanto seu objeto é próprio e muito específico. Eu acredito nessa inter-relação entre as ciências.

**M. Cristina Gobbi:** *Fazendo um balanço entre as décadas de 1960-1970 e 1980-1990, marcadas pelo paradigma desenvolvimentista na primeira, e pela globalização na segunda, quais dos dois períodos foram mais negativos para a América Latina no plano intelectual? E qual o senhor acredita dever ser o papel dos pesquisadores, dos professores, dos estudiosos da comunicação no momento atual?*

**L. Ramiro Beltrán:** É uma pergunta difícil. A primeira era mais ou menos manejável, e esta outra é tão fabulosa, tão veloz, tão magnífica. Creio que a primeira década foi mais humana, a segunda mais cruel. As pessoas não sabem de onde são, não existem fronteiras.

**M. Cristina Gobbi:** *O senhor acredita que os estudiosos latino-americanos das gerações mais novas já estão recebendo o respeito da comunidade internacional no que tange aos estudos da comunicação que realizam?*

**L. Ramiro Beltrán:** Eu não tenho informações para responder isso. Não estou seguro sobre isso. Precisaríamos fazer um levantamento do que se está produzindo, verificar se não trata apenas de temáticas soltas.

**M. Cristina Gobbi:** *Para encerrar, o que fazer para conseguir a democratização da comunicação na América Latina?*

**L. Ramiro Beltrán:** Creio que essa é uma pergunta cuja resposta vale muitos milhões de dólares. Uma das coisas que se dedicou a Escola Latino-americana de Comunicação foi buscar respostas para esta pergunta. Freire, Kaplún, Díaz Bordenave, e muitos outros. Acredito que existam dois níveis. O primeiro conceitual: o que é democracia, o que é desenvolvimento. A linha de políticas da comunicação é uma sub-linha da democratização. Uma das estratégias que se pensou para democratizar a comunicação. Outra foi a criação, sem teorias, de pequenos meios, por exemplo, as rádios mineiras da Bolívia. Não se trata de uma linha acadêmica, e sim prática. Isso é uma forma de democratização da comunicação. Sem equilíbrio não pode haver democracia.



## Quem é Luis Ramiro Beltrán

Luis Ramiro Beltrán Salmón nasceu em 1930, na cidade boliviana de Oruro. Mais tarde, frequentou o Instituto Americano de La Paz. Em 1949 iniciou seu bacharelado em Humanidades na Universidad Mayor de San Andrés.

Na área da comunicação social exerceu as atividades de redator, *La Razón*; chefe de informação, *Rádio El Condor*; diretor-fundador do semanário humorístico *Momento*; chefe de propaganda, *Loteria Nacional*; gerente-fundador da agência *Life* e roteirista nas empresas cinematográficas *Bolívia Films* e *Telecine Ltda.* Atuou também como correspondente da revista *Tiempo* (México) e no diário *Chicago Tribune* (norte-americano). Colaborou nas revistas *Mundial* (Uruguai) e *Américas* (União Panamericana).

Fez o Mestrado em Comunicação, na Universidade do Estado de Michigan, nos Estados Unidos, obtendo o grau de mestre em 1968, orientado por Everett Rogers. Seu trabalho tem como título *Communication and modernization: significance, roles, and strategies*. Até 1973 foi funcionário do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, atuando na Costa Rica, no Peru, no Uruguai e na Colômbia. Ainda em 1973, sob a orientação de David Berlo defendeu, na mesma Instituição, a tese *Communication in Latin America: persuasion for status quo or for national development?* De 1973 a 1984 trabalhou no Centro Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento, órgão vinculado ao governo canadense, em Bogotá, na Colômbia. Posteriormente, transferiu-se para Quito, Equador, assumindo o posto de Conselheiro regional em Comunicação da Unesco para América Latina.

Desde de 1992 é Conselheiro Regional em Comunicação da Universidade John Hopkins, na Bolívia e Catedrático da Faculdade de Saúde Pública, desta mesma instituição de ensino. Atua como professor e conferencista nas Américas do Sul e Central, além dos países de fala espanhola do Caribe. É professor catedrático visitante das Universidades de Stanford e Ohio State e leciona na Universidade do Estado de Michigan e no Centro Internacional de Estudos Superiores em Comunicação para América Latina (CIESPAL), em Quito, Equador.

Faz parte dos comitês editoriais do *Journal of Communications* da Pensilvânia, Estados Unidos; do Centro para Estudos da Comunicação e Cultura, de Londres; da revista *Chasqui*, editada pelo CISPEAL, no Equador e do Instituto para a América Latina, no Peru.

Em sua trajetória como pesquisador Luis Ramiro Beltrán tem se dedicado especialmente ao estudo das políticas nacionais de comunicação para o desenvolvimento e é um dos defensores da criação de políticas estáveis de comunicação na América Latina. Suas análises sobre a comunicação resgatam a generosidade e sugerem que o desânimo deve, invariavelmente, ceder lugar ao trabalho para que sejamos sempre levados a preferir a ação à lamentação.